

## DIÁRIO DE UMA GALINHA: NAS TRAMAS DA VIDA

### DIARY OF A CHICKEN: IN THE WEBS OF LIFE

Lillian Gonçalves de Melo<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste ensaio, utilizamos os preceitos da poética e da arte visual para promoção de reflexões sobre o sistema de produção e de valorização humana que orienta os modos de ser e existir. Para isso, realizamos analogias com um personagem enigmático do nosso cotidiano - a galinha - e seu modo de vida e importância na cadeia produtiva e alimentar da humanidade. Assim, realiza-se um estudo bibliográfico e fomenta-se diálogos com registros in loco de imagens da galinha em ambientes de acolhimento e ruptura. Ao final deste trabalho é possível perceber o quanto o ser humano precisa refletir sobre suas ações e práticas que desempenha que, muitas vezes, fazem com que ele assuma a posição de - galinha - frente ao sistema político brasileiro, tornando-se necessário rever determinados modos de vida para que outros sistemas sejam valorados, como o educacional, social, cultural e artístico. Portanto, esperamos que este ensaio com base no diário de uma galinha possa mostrar faces existentes nas tramas da vida e possibilitar rupturas no cotidiano da humanidade.

Palavras-chave: Modos de produção. Rupturas. Cotidiano.

**Abstract:** In this essay, we use the precepts of poetics and visual art to promote reflections on the system of production and human valorization that guides the ways of being and existing. For this, we draw analogies with an enigmatic character of our daily life - the chicken - and his way of life and importance in the productive and food chain of humanity. Thus, a bibliographic study is carried out and dialogues are promoted with on-site records of chicken images in welcoming and rupture environments. At the end of this work, it is possible to perceive how much the human being needs to reflect on his actions and practices that he often makes him assume the position of - chicken - before the Brazilian political system, making it necessary to review certain ways of life so that other systems are valued, such as the educational, social, cultural and artistic. Therefore, we hope that this essay based on a hen's diary can show faces that exist in the plots of life and enable ruptures in the daily life of humanity.

Keywords: Production modes. Breaks. Daily.

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC/MG. Possui graduação em Letras Português pela Universidade Estadual de Montes Claros, e Graduação em Letras Espanhol pela Universidade Aberta do Brasil - UAB. Área de pesquisa Estudos da Linguagem e do Discurso, Formação de Professores, estudos do Léxico, Variação Linguística, Cultura, Identidade e Povos Indígenas. Atualmente é professora do IFNMG- Campus Araçuaí.

## 1. INTRODUÇÃO

O termo *Diário de uma galinha: nas tramas da vida* foi pensado poética e artisticamente para chamar a atenção do leitor e provocar diálogos sobre a vida desse ser que, significadamente é existente, presente e essencial na vida do ser humano e no seu cotidiano alimentar. No contexto literário a galinha é personagem em vários contos infantis.

É sabido que a Galinha é um ser que vive catando migalhas durante toda a sua vida, já diz o ditado popular “é de bago em bago que a galinha enche o papo”. Tal verdade representa parte da população do mundo que vive em busca do pouco, pois é esse pouco que a mantém viva. O ser “galinha” que usado para compor essa escrita é o primeiro elemento poético, diria - o principal - para iniciarmos os diálogos sobre quem somos na face da terra. Do quê vivemos e de qual tanto precisamos para sustentarmos e continuarmos a produzir e oferecer o que de melhor temos para a humanidade (!)(?).

Neste ensaio propomos realizar reflexões sobre o valor e importância da produção e da concepção do ser humano diante de práticas corriqueiras do dia a dia. Para isso, inter-relacionamos projeções literárias e artísticas por meio de analogias que produzimos a partir de um personagem enigmático da nossa vida cotidiana - A galinha - e suas contribuições na cadeia alimentar e produtiva da humanidade. Acreditamos que este Diário de uma galinha: nas tramas da vida possa causar rupturas e percepções diante da realidade humana.

## 2. NAS TRAMAS DA VIDA: PERCEPÇÕES A PARTIR DO DIÁRIO DE UMA GALINHA

Diariamente, escrevemos nossa história, registramos e narramos nossa existência, seja física ou verbalmente. Diariamente, tramamos um novo dia, como ele seria e como poderia ser se tivéssemos oportunidades de mudanças? Entretanto, a existência passada só pode ser resgatada pela lembrança e/ou pela leitura dela mesma, mas jamais poderá ser revivida, assim como um ovo posto nunca e jamais voltará para o lugar de onde veio. E, se quebrado for, jamais será remendado como uma colcha de retalhos ou como as tramas de um balaio.

Tramar, no dicionário português, significa passar a trama entre os fios da urdidura; tecer, entretecer. Na política de sobrevivência, tramar é fazer maquinação, intriga, articular algo para ou com alguém. O fato de tramar nos coloca na condição de articuladores de uma vida que precisa a cada dia ser tecida, articuladamente, para sobrevivermos com as mudanças que sofremos no sistema capitalista. Observe a imagem abaixo:

Imagem 1 - Galinha no balaio



Fonte: OLIVEIRA, Ernani Calazans (2020).

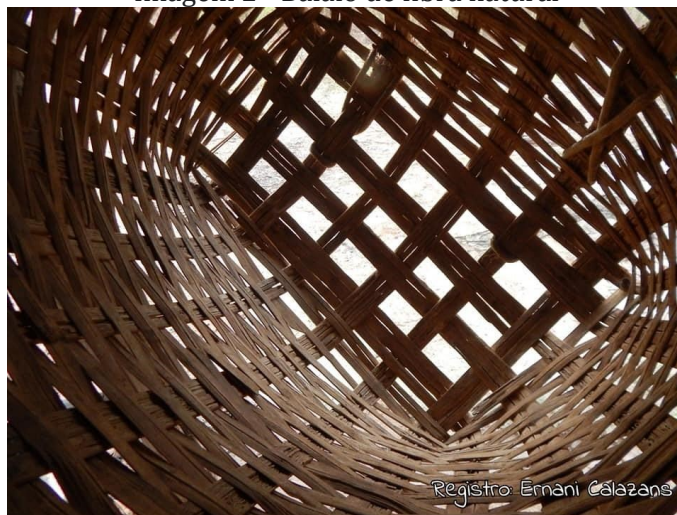
Perceba que, o balaio tramado serve de aconchego e tranquilidade para a galinha, que ali fica por horas cuidando dos seus ovos, aquecendo-os. Uma galinha pode botar um ovo por dia chegando a um total de quinze a vinte ovos por postura, vai depender da genética do animal. Fato é que a sua produção serve de alimento para toda a humanidade. Não existe uma sociedade que não use o ovo para se alimentar; atrevo-me a generalizar esse fato, para não destacar, porém respeitar as diversas maneiras e opções alimentares de muitos grupos e seus gostos.

Assim, o segundo elemento que abordamos é “ovo”, tratamos como o que se é gerado, como nossas virtudes - ora frágeis ora resistentes - e o trabalho; o esforço de doar, o fazer, o produzir, se dedicar, se entregar a abraçar causas sociais. Assim, como também, alimentar o outro com o que é produzido com excelência. Cabe

destacar que muitos vivem de migalhas e ainda são explorados, perdendo a esperança de um futuro melhor.

Na vida temos o terceiro elemento “indez”, diz-se do ovo que se deixa ficar no ninho para atrair as galinhas botadeiras, induzindo-as a produzirem essa prática instintivamente. Dessa maneira, somos induzidos a outros contextos, ambientes que o Sistema nos força indiretamente a produzir, por atração, acreditando sempre sermos capazes de produzir. Agora, nos referimos ao ser humano - que será “gratificado” pelo seu esforço ou por sua produção. O dicionário online português<sup>2</sup> conceitua o indez como a “condição de pessoa por demais suscetível ou delicada; criança manhosa ou chorosa”. Essa condição de delicadeza, caracteriza-se como um estado de fragilidade humana alienada, cujo desejo é fazer o que outros anseiam, mas sabendo que é fruto do nosso esforço como ser natural. A exploração da sua delicadeza, ora muitas vezes, a exploração da sua educação e do seu trabalho, acaba nos colocando na condição de indignidade. Observe a imagem abaixo:

Imagem 2 - Balaio de fibra natural



Fonte: OLIVEIRA, Ernani Calazans (2020).

Na imagem acima há um balaio de fibra natural, perceba as possibilidades de comparação dessa fibra natural com as nossas ações, nossos desejos realizados sem a interferência do outro, sem a fragilidade humana alienada.

<sup>2</sup> <https://dicionariocriativo.com.br/significado/indez>

Retomemos a falar da galinha, imagine o que teria nesse diário (!)(?). Imagine todo o dia, na primeira página, um nome que seria dado ao elemento “ovo posto” naquele dia (!). E se fossem fetos, frutos, crias (!)(?) que nós seres humanos precisaríamos comê-los para nos mantermos vivos? Seria homicídio em legítima defesa em prol da sobrevivência (?). Vemos o elemento “ovo” apenas como alimento, não como ser, que elemento é esse que está presente diariamente na vida humana e em tudo (!)(?). Elemento esse que se não existisse ou se as galinhas não os colocassem, como seriam feitas as quitandas, os pães, os biscoitos, as omeletes, as panquecas, os bolos e outras inúmeras iguarias (?). O ser humano, na sua infinita e incógnita sabedoria, parou para pensar em como e quando substituir o elemento “ovo” que ocupa a própria vida existencial (?). Você já pensou se o elemento “ovo” deixasse de existir (?), assim do nada, pronto! Amanhã todos os ovos da face da terra desaparecerão! Abririam uma sindicância contra as galinhas (?), acusariam-nas de não produzirem mais, seriam elas grevistas, seriam elas torturadas até explicarem o sumiço dos ovos? etc,etc,etc.

Para Guimarães Rosa (1967), “viver é um rasgar-se e remendar-se”, muitas vezes somos rasgados pelo sistema político brasileiro e, mesmo assim, ainda temos a virtude natural de nos remendarmos em nosso tempo, em nossos espaços e da nossa maneira. Mesmo que moroso seja esse remendar, ele é preciso para que voltemos a sermos rasgados e, nesse ciclo de torturas conceituais, aprendermos a lidar com essa vida de desconstrução, exploração e reconstrução.

Está aí o nosso dilema! Quando provocamos, nesse texto cuja escolha não é aleatória, intitula-la por *Diário de uma galinha: nas tramas da vida. Enquanto uns tramam, outros descansam*. Trata-se de dialogar sobre essas tramas que tecemos durante toda uma existência para que a vida não pare e, em contrapartida, outros usufruam dessas tramas e descansem sobre nossos sofrimentos. No intitulado livro Tutaméia-Terceira estórias (1967)<sup>3</sup>- Guimarães nos apresenta um recorte do conto

---

<sup>3</sup> Publicado em julho de 1967, poucos meses antes da morte de Guimarães Rosa, Tutaméia [Terceiras estórias] é a reunião de 40 histórias extremamente curtas, que haviam sido veiculadas anteriormente no jornal Pulso, uma publicação dedicada aos médicos. No seu lançamento, o livro causou estranheza à crítica e aos leitores quer pelo número e extensão dos trabalhos, quer pelo próprio título que afirmava serem aquelas as 'terceiras estórias', sem que, no entanto, tivesse havido as 'segundas', depois do livro anterior. Os quatro prefácios de Tutaméia [Terceiras estórias] reiteram a estranheza. Eles foram distribuídos de intermeio às histórias, que



*João Porém, o criador de perus* “E tanto; aquilo tudo e egiptos. Desprendado quanto ao resto, João Porém voltou-se às aves — vocação e meio de ganho. De dele rir-se? A de criar perus, os peruzinhos mofinos, foi sempre matéria atribulativa, que malpaga, às poucas estimas”.

*Vocação de ganho (...) que mal paga, às poucas estimas* - percebe-se que esse tipo de ave de criação doméstica foi sempre desvalorizada e explorada. Quando não é pelos seus ovos, é pela sua carne. Esses elementos poéticos são importantes para estabelecermos pontos de diálogos existenciais, para entendermos que não somos diferentes dessas aves. Estamos em posições diferentes, mas não em condições diferentes de exploração, metaforicamente salvos, é claro! Acreditamos que não irão comer nossas carnes, mas nossos ovos – nossas produções e trabalhos - sim, estes sim! Eles servem para alimentar diariamente o Sistema que, sempre insaciável, nos come duas, três ou mais vezes por dia!

O termo Tutameia<sup>4</sup> passa a ser o quarto elemento para nossos diálogos, apresentando o estudo na nota em que o termo significa *quase nada, preço vil, pouco dinheiro*; eis que somos valorizados como *tutaméias* – coisas sem importância. Quantas vezes nos dedicamos a oferecer o nosso melhor (!)(?), nos rasgamos para entregar um produto útil, bem elaborado, essencial e, mesmo assim, somos pagos com tão pouco (!)(?). Pagos - digo - reconhecidos, agradecidos; quantas vezes somos pagos com migalhas e sentimos que nossos papos ainda não estão cheios e, mesmo assim, dormimos tentando descansar, pois sabemos que, no dia seguinte, é preciso estarmos firmes para que o ciclo da vida continue (!)(?). Somos galinhas, sim. Temos diários escritos sim! Somos galinhas que produzimos um dos mais, ou se não, o mais importante elemento que, sem ele, outros tantos não existiriam: a educação.

Tratamos a educação como o quinto elemento desse diálogo, portanto, é preciso ater-se para a qualidade do ensino que se busca, uma educação que é

---

seguem uma ordem alfabética e, apesar de seu caráter quase didático, mantêm as mesmas características de linguagem dos demais textos do volume.

<sup>4</sup> O título **Tutaméia**, segundo Paulo Rónai (prefaciador da edição em estudo) “*no Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa encontramos tuta-e-meia definida por mestre Aurélio como ninhada, quase nada, preço vil, pouco dinheiro.*”

rasgada, por muitos remendada, outros a rasgam, nós voltamos a remendá-la e, assim, numa constância de reconstruções, teremos no final não um fino tecido de linho tramado com fios de pura seda, mas uma colcha de retalhos esfarrapados, tramados, desfiados que servirá para cobrir muitos conceitos frios e gélidos do descaso. Mesmo que o calor humano seja intenso, a frieza do descaso, da desilusão, da incerteza, isso sempre irá soprar contra nossos corpos. Em relação a isso, cabe citar, por exemplo, a obra *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis (2018, p. 17),

Era apenas o alvorecer do dia, ainda as aves entoavam seus meigos cantos de arrebatadora melodia, ainda a viração era tênue e mansa, ainda a flor desabrochada apenas não sentira a tépida e vivificadora ação do astro do dia, que sempre amante, mas sempre ingrato, desdenhoso e cruel afaga-a, bebe-lhe o perfume, e depois deixa-a murchar, a desfolhar-se, sem ao menos dar-lhe uma lágrima de saudade! Oh! O sol é como o homem maligno e perverso, que bafeja com hálito impuro a donzela desvalida, e foge, e deixa-a entregue à vergonha, à desesperação, à morte! E depois, ri-se e busca outra, e mais outra vítima!

Cabe ressaltar o trecho: *“O sol é como o homem maligno e perverso, que bafeja com hálito impuro a donzela desvalida”*, que nos faz remeter às donzelas desvalidas que escrevem suas vidas em diários - não de papéis, mas de carne. Escritas com tintas vermelhas, não de pigmentos, mas de sangue. E depois de risível é largada e outra colocada em seu lugar. O rasgar de Guimarães e o desabrochar de Maria Firmina constroem seres mais fortes, pessoas mais fortes, porém mais serenas. A essas pessoas restam o sexto elemento à Literatura, que dá voz, vez e notoriedade àqueles que ficaram escondidos em ovos com cascas duras, impedindo que fossem gerados, fecundados e nascidos, quando não eram comidos e defecados.

A Literatura é o elemento que causa rupturas em nossos diálogos, mostra que esse rompimento é na verdade o “abrir” das portas, dos olhos, das bocas, são novas possibilidades. A Literatura é o indez, é o que nos provoca a produzir mais e com mais qualidade, a Literatura é o ovo que alimenta e que faz parte da culinária conceitual onde os humanos podem sair da condição de galinhas e escreverem diários que ao invés de serem rasgados, serão editados, reeditados construídos com um propósito: a esperança de que a educação salvará o mundo.

Desse modo, que coloquemos no mundo ovos literários, (a galinha coloca com a cloaca, não significa que faremos dessa forma, pois o nosso instrumento é a fala, a oratória e a escrita), que esses ovos possam fazer parte do cardápio e da dieta humana, onde quanto mais se come mais forte se fica e, assim, sobreviveremos ao sistema político brasileiro da desconstrução, reflita com base na imagem abaixo:

Figura 3- Galinha em ninho de saco plástico



Fonte: OLIVEIRA, Ernani Calazans (2020).

Quando a necessidade é maior que a tranquilidade, o lugar onde se busca trabalhar não é a prioridade, existe por parte de muitos profissionais a condição de mudança e de adaptação, percebe-se que, na figura (3), a galinha não está acolhida no balaio quentinho conforme foi exposta na figura (1). Note que houve uma ruptura, há um lugar diferente de cultivo dos ovos, não causa o mesmo conforto, mas há uma construção necessária para a sobrevivência.

O sétimo elemento para nossos diálogos é a criatividade. Ser criativo é saber se virar e recriar condições para se evoluir, mas nunca deixar de produzir. Assim é com a educação, o professor não se limita em apenas quatro paredes e uma lousa para concluir o seu trabalho; a proposta da mudança é que se destaca o profissional da educação de qualidade. Sala de aula não se define como um quadrado, sala de aula é o local em que o aluno aprende e o professor constrói conhecimento; sala de aula é a vida, o mundo, as experiências e o meio em que se vive e se desenvolve.



Para Dewey (2010)<sup>5</sup> a experiência, essa negociação consciente entre o eu e o mundo, é uma característica irredutível da vida e não há experiência mais intensa do que a Arte. Ela é o nosso oitavo elemento, não se limita ao fazer artístico, mas o experimentar do fazer, da construção, da elaboração comungando com a criatividade. Essa divisão entre Arte e experiência do fazer se conecta com a entonação da poética. Do que se trata o conto “A galinha dos ovos de ouro (?)” - substantivo de riqueza sem fazer nada mais proveitoso do que o sofrer do outro.

Enquanto a galinha coloca arduamente o ovo de ouro, o outro trama como enriquecer com esse feito. Quem de nós não queria ter uma galinha que colocasse ovos de ouro (?) Mas saibam, temos! Sim, temos muitas galinhas que colocam ovos de ouro diariamente, e mesmo assim, ainda há mais indivíduos para desperdiçar, desvalorizar e desmerecer o elemento principal dos nossos diálogos. A galinha que se trata figurativamente nesse ensaio, é o ser humano que sai todos os dias para lutar contra o sistema da desigualdade e volta para a casa com ovos de ouro trazidos da padaria, trazidos do açougue, trazidos da farmácia e tantos outros lugares essenciais para nossa sobrevivência.

A poética existente nos diários são tantas que nos traz as angústias de Carolina Maria de Jesus (2019) em *Quarto de despejo*, no recorte,

17 DE JULHO Domingo. Um dia maravilhoso. O céu azul sem nuvem. O sol está tépido. Deixei o leito às 6,30. Fui buscar água. Fiz café. Tendo só um pedaço de pão e 3 cruzeiros. Dei um pedaço a cada um, pois feijão no fogo que ganhei ontem do Centro Espírita da Rua Vergueiro 103. Fui lavar minhas roupas. Quando retornei do rio o feijão estava cosido. Os filhos pediram pão. Dei os 3 cruzeiros ao João José para ir comprar pão. (...)

Entende o que são os ovos de ouro na vida de quem trabalha incessantemente e se alimenta com migalhas como o elemento galinha (?). A escritora Carolina Maria de Jesus representa com presteza o valor desses meios de produção, principalmente, para as pessoas que precisam batalhar dia após dia a fim de que tenham o que comer

---

<sup>5</sup> DEWEY, John. **Arte como experiência**. (org.) Jo Ann Boydston; et. all. Tradução Vera Ribeiro; São Paulo; Martins Fontes, 2010.

em casa. Ao descrever em seu diário sua luta, percebe-se o sacrifício dessa mãe para sustentar a sua família, tratam-se de práticas que, muitas vezes, são invisibilizadas pela sociedade elitista, que trata com menosprezo esse povo. Carolina muitas vezes catou papelão e demais objetos para vendê-los ao ferro velho, reduzindo assim o lixo que muitas vezes é descartado de forma irregular no meio ambiente, uma prática que é vista, por determinados sujeitos, com menosprezo, porém é de suma importância para a humanidade, além de ser um meio de sustento familiar.

Nesse fragmento da obra *Quarto do Despejo* também é possível perceber as desigualdades sociais e os modos de valorização da humanidade. Note-se que, enquanto para as pessoas de pouca condição financeira, a maior felicidade é ter comida em casa, para outros, trata-se de um ato corriqueiro, que é entrelaçado por escolhas elitizadas e desperdícios. Lembremos mais uma vez da nossa personagem - a Galinha - quantos ritos, sacrifícios e tempo de dedicação são investidos para que aquele ovo possa ser comercializado pelo sistema capitalista, será que as pessoas já pensaram nisso? Quantas tratam o ovo com desdém? E se, em determinado momento, a Galinha parasse de produzir, seria um caos?

Ao realizarmos diálogos com a cadeia produtiva e os modos de trabalho da humanidade, nota-se o quanto reflexões como essa são importantes, pois, nessa sociedade do consumo e conhecimento, é preciso valorizar as práticas corriqueiras, aprender a dar valor ao outro, aos impactos que os modos de produção, que muitas vezes são invisibilizados, podem ocasionar em toda uma sociedade. Perceba que “o Sistema” faz o possível para que não haja tempo para pensar sobre isso, tudo é em ritmo muito acelerado. Os diálogos poéticos e artísticos são propulsores dessas provocações, são essas angústias que norteiam estas reflexões, são essas incertezas de que falamos. A salvação está na Literatura, na Arte, na Educação, na Cultura - nesse alicerce - que sustenta a vida de muitas pessoas que escrevem sobre si.

### 3. ENSAIOS CONCLUSIVOS

Neste ensaio o objetivo foi promover reflexões sobre o sistema de produção e de valorização humana a partir de analogias realizadas no Diário de uma galinha. Para isso, foram promovidos diálogos entre a poética e arte imagética de ações do

universo desse animal enigmático com o sistema político que é imposto à humanidade. No decorrer das reflexões promovidas identificamos o quanto é necessário valorar o universo do cotidiano e as práticas que sustentam os modos de produção e sobrevivência humana.

Além disso, percebemos também a necessidade de promover rupturas a determinados modos de produção e valorizar outros sistemas como o educacional, o social, o cultural e o artístico. Portanto, ao final deste ensaio considera-se que será possível provocar o leitor com base nesse diário de uma galinha e despertar reflexões sobre as tramas da vida e o cotidiano da existência humana.

## REFERÊNCIAS

Dicionário Criativo. Disponível em:

<https://dicionariocriativo.com.br/significado/indez>. Acesso em: 10 de jan. de 2021.

GUIMARÃES, Rosa. **Tumatéia** - Terceiras Estórias. 10 ed. São Paulo: Nova Fronteira, 2017.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. 10 ed. São Paulo/SP: Ática, 2019.

Reis, Maria Firmina dos (1825-1917). **Úrsula e outras obras**. Brasília: Câmara dos Deputados, edições Câmara, 2018.

**Tutaméia**: a despedida de João Guimarães Rosa. LiteraturaBR. Disponível em:

<https://www.literaturabr.com/2014/01/23/tutameia-a-despedida-de-joao-guimaraes-rosa/>. Acesso em: 20 de fev. de 2021.

“João Porém, o criador de perus”, um conto encantador de João Guimarães Rosa.

**Revista Prosa e Verso**. Disponível em:

<https://www.revistaprosaversoarte.com/joao-porem-o-criador-de-perus-um-conto-encantador-de-joao-guimaraes-rosa/>. Acesso em: 10 de fev. de 2021.

**Tumatéia** - Terceiras Estórias. Disponível em:

<https://www.algosobre.com.br/resumos-literarios/tutameia-terceiras-estorias.html>. Acesso em: 10 de fev. 2021.